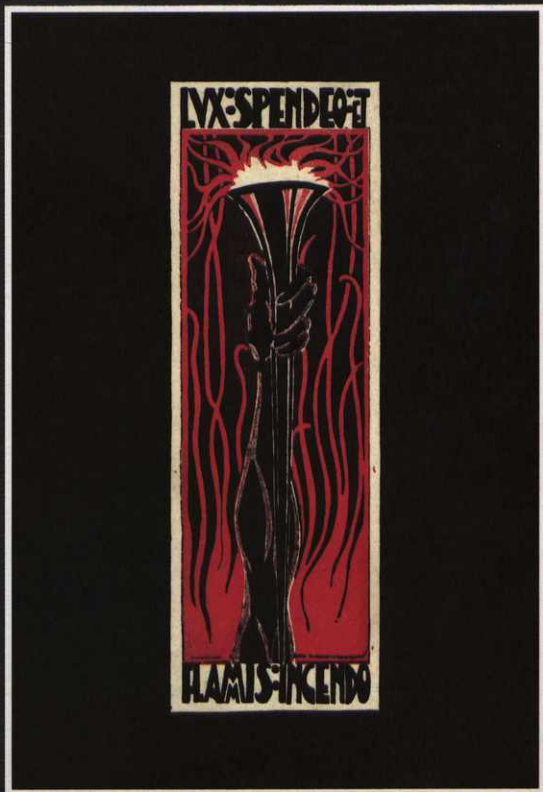


Antônio Reis • Eduardo Lourenço • João Freire • José-Augusto França
José Augusto Seabra • Manuel Braga da Cruz • Paulo Archer de Carvalho
Paulo Samuel • Rogério Fernandes

REVISTAS

IDEIAS E DOCTRINAS

Leituras do Pensamento Contemporâneo



LIVROS HORIZONTE

S|hi

ANTÓNIO REIS, EDUARDO LOURENÇO, JOÃO FREIRE,
JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA, JOSÉ AUGUSTO SEABRA,
MANUEL BRAGA DA CRUZ, PAULO ARCHER DE CARVALHO,
PAULO SAMUEL, ROGÉRIO FERNANDES

REVISTAS

IDEIAS E DOCTRINAS

LEITURAS DO PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO

Apresentação
ZÍLIA OSÓRIO DE CASTRO

Introdução
LUÍS CRESPO DE ANDRADE



Apoios:

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa
Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa
Biblioteca Nacional

O Projecto de Investigação *Revistas: Ideias e Cultura (1900-1930)* é apoiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e pelo POCTI, sendo participado pelo FEDER

Edição com o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian

Título:

Revistas
Ideias e Doutrinas
Leituras do Pensamento Contemporâneo

Autor:

Vários

Revisor:

Cristina Cruz

Capa:

Estúdios Horizonte

Ilustração da Capa:

Seara Nova, n.º 8, 15 de Fevereiro 1922



© Livros Horizonte, 2003

ISBN 972-24-1142-X

Paginação e fotolitos:
Gráfica 99

Impressão:
Rolo & Filhos
Janeiro 2003

Dep. legal n.º 163640/01



Reservados todos os direitos de publicação total ou parcial para a língua portuguesa por LIVROS HORIZONTE, LDA.
Rua das Chagas, 17-1.º Dt.º – 1200-106 LISBOA
E-mail: livroshorizonte@mail.telepac.pt

A SEARA NOVA E A PRIMEIRA REPÚBLICA

ROGÉRIO FERNANDES

Não sendo especialista nesta categoria de temas, atribuo este convite, que me deu muito prazer, ao facto de ter sido redactor da revista *Seara Nova* na década de 1960 e de poder ter algum interesse para os leitores de hoje o conhecimento dos pontos de vista de quem participou na sua produção diária e nela partilhou responsabilidades de direcção.

Abro três entradas para o tema proposto, as quais terão a ver com outras tantas questões:

- 1/ Imprensa e controlo do poder;
- 2/ Origens da *Seara Nova* no quadro cultural da Primeira República;
- 3/ Compromisso ideológico seareiro.

Deste modo, julgo poder cobrir a primeira fase da acção da *Seara*, a qual, na minha leitura, os organizadores deste encontro situam entre 1921, data de fundação da revista, e 1926.

IMPRENSA E CONTROLO DE PODER

Entre os instrumentos políticos de controlo do poder, a imprensa constituía na Primeira República um dos meios mais eficazes. A rapidez e constância da sua intervenção, a possibilidade de alcance de um público alfabetizado e, mediante a leitura colectiva, de um público analfabeto, qualificavam-na especialmente neste período histórico, tanto mais que não funcionavam ainda outros meios de comunicação de massa que pudessem reduzir-lhe a capacidade de influência.

Por outro lado, os custos de produção de jornais ou revistas não seriam, possivelmente, muito elevados, permitindo ou, pelo menos, facilitando a res-

pectiva fundação e manutenção. Haveria que avaliar este ponto, mediante a investigação do nível de salários dos tipógrafos, revisores, jornalistas, os preços do papel, os preços de aluguer das salas de redacção, etc. O estudo histórico-económico da imprensa portuguesa parece-me inteiramente por fazer.

Quanto ao grupo da *Seara Nova*, conhece-se a sua composição inicial mas desconhece-se a constituição e primeiros passos da empresa, a sua evolução ao longo das diversas fases. Posso testemunhar que dispôs de uma tipografia, situada na Rua da Rosa, por debaixo das instalações da redacção. O equipamento dessa tipografia foi posto à venda em determinado momento de crise, sob a administração de Luís da Câmara Reys. Conheci o tipógrafo que foi o seu avaliador por incumbência de quem viria a comprá-la e, segundo o seu testemunho, só a máquina impressora de marca Heidelberg de que dispunha, valia o preço global pedido por todo o valioso equipamento. Estamos a falar do começo dos anos 50, mas compete dizer que, durante os seguintes e a despeito da evolução das técnicas tipográficas, havia materiais comprados à *Seara Nova* que continuavam a revelar-se altamente prestantes na tipografia para onde haviam sido transferidos após a compra.

Os traços histórico-económicos da imprensa neste período explicam, porventura, a extraordinária proliferação de órgãos de carácter político ou cultural, relacionados com partidos, agrupamentos ou grupos de opinião, tais como, por exemplo, sindicatos e escolas.

Deste modo, a luta política e social tornou-se muito mais virulenta e, permita-se-me a expressão, dramática, revestindo com frequência aspectos profundamente pessoais.

A fluidez das alianças entre os contendores, típica da actividade política no quadro da democracia desde os tempos da longínqua Grécia, contribuía, por sua vez, para o carácter efémero de muitas dessas publicações.

Fosse como fosse, o seu aparecimento e intervenção exprimiam os interesses de classes e grupos sociais em presença. Os seus animadores e redactores, enquanto “intelectuais orgânicos” de sectores determinados (para usarmos o conceito e expressão de Gramsci), eram intérpretes de aspirações daqueles de quem se tornavam mandatários. Tratava-se de limitar o exercício do poder por parte das classes ou fracções de classe que detinham as respectivas alavancas ou tratava-se de contrabalançar o alcance das investidas de grupos assertivos que lutavam pela sua participação no exercício do mesmo poder.

É evidente que este enunciado teórico terá valor hermenêutico somente sob a condição de a leitura crítica do passado permitir destrinçar, na dialéctica da história, os interesses reais que se confrontavam na arena política e social.

ORIGENS DA SEARA NOVA NO QUADRO CULTURAL DA PRIMEIRA REPÚBLICA

Alguns dos elementos preponderantes da *Seara Nova*, à frente dos quais se situava Raul Proença, logo seguido de Jaime Cortesão, provinham do projecto cultural que desde o advento da República se concretizara em torno do movimento da Renascença Portuguesa e dos seus órgãos de imprensa: a revista *A Águia* e o jornal *A Vida Portuguesa*. A Universidade Popular do Porto constituiu um dos traços mais salientes do projecto cultural da Renascença, apesar de se ter saldado por um malogro como ocorreu com a maior parte das Universidades Populares em Portugal e noutros países.

A cisão entre o racionalismo de António Sérgio e o espiritualismo idealista de Teixeira de Pascoaes, vertido no saudosismo, levava-os a um confronto polémico nas páginas de *A Águia*. Sérgio, Cortesão e Raul Proença tinham-se distanciado então da Renascença.

Em 1921, no momento em que a *Seara Nova* foi fundada, Sérgio achava-se pela segunda vez a residir no Brasil. Aí adquirira uma tipografia pertencente ao sogro e, de sociedade com Álvaro Pinto, que para o Brasil também emigrara, havia fundado uma empresa editorial que publicava, por exemplo, *A Águia*. Será de resto no Brasil que Sérgio proferirá a conferência *O problema da cultura e o isolamento dos povos peninsulares* e aí editará a 1.ª edição dos *Ensaio*s, que Proença qualificará de um “livro de claridades e de sombras”, criticando Sérgio por pregar do Brasil a salvação da Pátria em vez de vir tomar parte na luta política, assentar rijamente os pés na lama, como dizia Proença na recensão do livro.

Nas mãos de Sérgio, *A Águia* estaria completamente liberta daquelas “misticices”, (a palavra é de Proença), de que ambos se tinham separado ao esfriarem as suas relações com a Renascença. (Alusão velada ao Teixeira de Pascoaes ideólogo e não ao poeta, que teve sempre admiradores na revista lisboeta.) As orientações de Proença, Cortesão e Sérgio eram, no seu conspecto geral, coerentes com o que tinham querido que fosse o movimento cultural portuense. Por que motivos foi, então, fundada a *Seara Nova*?

Seja-me permitido inserir aqui um testemunho pessoal cujo valor é apenas, por assim dizer, indiciário. Em 1972, quando tratei da publicação das cartas de António Sérgio a Álvaro Pinto, a convite da filha deste, Senhora D. Maria Amélia Azevedo Pinto, tive ocasião de ler duas interessantes cartas de Jaime Cortesão a Álvaro Pinto, uma delas por sinal um tanto irritada, descrevendo como ia ser fundada a *Seara* e explicando os motivos imediatos da iniciativa. Eles centravam-se no facto de *A Águia* não atingir em Portugal uma difusão suficientemente ampla que lhe permitisse desempenhar as funções de tribuna política e cultural do grupo seareiro. (A leitura dessas cartas destinava-se a ser o prólogo de um projecto de publicação do epistolário Cortesão-

-Álvaro Pinto, logo a seguir à edição das cartas de Sérgio para o pai da Senhora D. Maria Amélia. Infelizmente o seu falecimento impediu-me de levar tal projecto para diante. Onde estará agora o que resta do espólio de Álvaro Pinto?)

Uma carta de Sérgio para Raul Proença, datada de 1921, refere-se, de resto, a essa correspondência de Cortesão. Escreve Sérgio ao amigo: “O Jaime mandou ao A. Pinto umas considerações sobre a *Águia* que achei infinitamente justas. A *Águia* deve ser feita aí. Se a fizemos aqui foi bem contra vontade, e com verdadeiro sacrifício vendo que em Portugal abandonavam a Renascença. Acho mesmo que, em vez de criarem uma revista nova deviam tomar conta da *Águia* – a valer – remodelá-la de alto a baixo, e tentarem aproveitar a organização da Renascença – para instrumento da obra de regeneração nacional que com a *Seara* vão empreender” (Sérgio, 1987, 156).

Os *seareiros* não seguirão este ponto de vista. É sabido que o grupo fundador da revista integra Aquilino Ribeiro, Augusto Casimiro, Faria de Vasconcelos, Ferreira de Macedo, Francisco António Correia, Jaime Cortesão, José de Azeredo Perdigão, Câmara Reys, Raul Brandão e Raul Proença. Na mesma carta, Sérgio explicava também as razões por que não estava em condições de colaborar.

COMPROMISSO IDEOLÓGICO SEAREIRO

A revista e o próprio grupo que a apoiava constituem uma espécie de consciência crítica da Primeira República. Todo o seu combate era dirigido contra a república pequeno-burguesa e jacobina, mergulhada na corrupção dos altos negócios e na exploração das classes populares, tudo isto tornado possível pela dominação do Estado e pelas pressões das arruaças do exército.

Em vez dessa república aturdida pelo fraseado demagógico, pela retórica ineficaz, pela ausência de directrizes governativas que alterassem positivamente o viver do povo, os *seareiros* ansiavam por uma república democrática, de matriz socialista. “Todas as suas simpatias”, escreve-se no editorial do primeiro número, a 15 de Outubro de 1921, “vão (...) para os que lutam, *dentro da ordem, dos métodos democráticos e desse espírito de realidades sem o qual são inteiramente ilusórias quaisquer reformas sociais*, pelo triunfo do socialismo”.

O sentimento da necessidade de mudar era diversamente partilhado, inclusivamente no interior do grupo e nas páginas da revista. A revolução ideada pelos *seareiros* não tinha nada a ver com as aventuras militares que se sucediam mas também nada tinha a ver com o socialismo de 1917. Apesar de alguma admiração expressa por Lenine numa breve nota da revista, Proença mostrará certa incompreensão do movimento dos soviéticos, acusando Lenine de cultivar a incompetência. (Isto não impedirá que desencadeie e sustente na revista um

movimento humanitário de socorro aos famintos russos.) Também não convergia com o maximalismo do Partido Comunista Português, igualmente fundado em 1921, atravessando a fase do *ratesismo*, nem se revia nas insinuações do general Gomes da Costa, cujo artigo sobre a reorganização militar a *Seara Nova* acolherá, todavia, logo no seu número dois (5 de Novembro de 1921) e que rematava com estas palavras sintomáticas: “*Verdade, Espadas largas e Portugueses de Oiro, (...) é o que todos nós devemos pedir para o nosso Portugal, e eu particularmente e com ardor peço para o Exército: Verdade, Espadas largas e Portugueses de Oiro!*” (Proença escreverá, alguns números adiante, que o país carecia de cabeças e não de espadas.)

Esta frase de Proença remete-nos para um traço essencial do compromisso ideológico seareiro: o problema nacional é um problema de cultura, visto que radica na “mentalidade”. A sua solução prioritária passa portanto pela reforma da educação.

Isto não significa a abstenção da *Seara Nova* quanto à formulação de planos reformadores nas áreas económicas e financeiras. Logo nos primeiros números aparecem artigos de Ezequiel de Campos, de Quirino de Jesus, de Francisco António Correia, todos eles economistas, de José de Azeredo Perdigão sobre o problema da energia e acerca de uma questão de carácter bem prático – a lei do inquilinato –, além do já citado artigo de Gomes da Costa. Alguns destes homens irão estar na base do fascismo: o autor do golpe militar, Gomes da Costa, outros colaborarão com o ditador.

Sobre o ensino e a sua reforma, é de salientar, primeiro que tudo, o conjunto de artigos publicados por Faria de Vasconcelos, intitulados *Bases para a solução dos problemas da educação nacional*, espécie de súmula preparatória da famosa proposta de lei de 1923 que ficaria conhecida pela designação de reforma de João Camoegas e que saiu quase toda das mãos do mesmo Faria de Vasconcelos. Acerca das prioridades da educação relativamente ao desenvolvimento económico chega a esboçar-se nas páginas da revista um diferendo entre Ezequiel de Campos e Raul Proença, já que o primeiro escrevera que o país não podia esperar os resultados da reforma da educação para operar as reformas económicas, pois ficaria falido antes de dispor de um ensino reformado, opinião contestada por Proença.

Todos estes planos de reorganização e fomento, passando pelo desenvolvimento hidroeléctrico e outras obras públicas, deveriam ser concretizados por um governo de competências excepcionais, por uma cleresia do espírito cuja mentalidade renovada faria aquela “revolução construtiva” por que Sérgio ansiava e cuja realização é o programa essencial do movimento dos “Homens Livres” ou da “União Cívica”.

Revolução que se propunha fosse feita “de cima”, não sei se os *seareiros* lhe descobriam todos os perigos de que era susceptível. O certo é que numa

carta a Proença, publicada por José Carlos Gonzalez, Sérgio se confessa encantado com alguns períodos do manifesto do general Primo de Rivera, aqueles em que os militares espanhóis declaravam que não pretendiam ser governo, que este, diziam, cabia aos civis “honestos e competentes, que salvem a pátria”... Sérgio acreditava ingenuamente na sinceridade da declaração.

De todos os modos, sabemos que os homens da *Seara* acabarão por defender um regime de excepção, ou antes, uma ditadura de onde saísse um governo de homens também excepcionais, que agisse autorizado por um parlamento reduzido, afinal, a essa função. Esta “engenharia política”, por mais imaginosa que fosse, não podia ocultar, aos olhos de homens lúcidos como eram, na sua generalidade, os *seareiros*, o facto fundamental de que tal governo somente poderia subsistir respaldado pelo exército.

Neste quadro, recaem sobre os homens da *Seara Nova* pesadas responsabilidades históricas por não se terem apercebido do perigo de pugnarem por uma ditadura, apesar de a qualificarem de “democrática”. É certo que, no dia seguinte ao golpe militar já eram eles próprios os mais veementes contraditores da ditadura, cujos efeitos iriam todos eles sentir nas suas vidas.

A *Seara Nova* constitui, assim, uma plataforma política essencialmente pequeno-burguesa, e, apesar de todos os seus erros, uma das expressões mais significativas da intelectualidade portuguesa progressista. As propostas alternativas para uma nova linha de rumo governativo haverá que procurá-las nas páginas da revista. Ela é a voz da esquerda liberal, ou, para usarmos a expressão com que se auto-caracteriza, a “extrema esquerda da República”, em contraste com um movimento operário e sindical dramaticamente marcado pelas suas origens anarquistas, fortemente seduzido pela tese da conquista do poder pelos trabalhadores através da greve geral e portanto incapaz de alianças unitárias com a pequena burguesia e a intelectualidade progressista, alianças tanto mais urgentes quanto se desenhava visivelmente o ascenso fascista ou mesmo quando o fascismo já andava nas ruas.

A despeito das limitações ideológicas dos *seareiros*, em algumas das suas páginas, no plano literário, despontam tendências vizinhas do que virá a ser, por outras vias, o neo-realismo. É ver, por exemplo, a *Crónica Deselegante da Minha Aldeia*, de Aquilino, galeria de retratos e de acontecimentos evocativos do mundo rural mais recôndito; ou, logo no primeiro número, as *Sombras Humildes*, de Raul Brandão, de uma tocante sobriedade, onde, no meio do descritivo, surge uma frase que vale todo um programa: “A terra é de quem a cultiva”.

Mas não se pode esquecer também a intervenção política, por intermédio das acutilantes notas redigidas por Proença ou por Câmara Reys, as reflexões de um escritor de procedência anarquista, Emílio Costa, as *Cartas à Mocidade*, de Cortesão, e a crítica modelar de Proença ao integralismo lusitano, integra-

da, posteriormente, nas *Páginas de Política*, constituindo uma obra prima do pensamento democrático português.

O grupo *seareiro* declarou-se desde o início independente dos partidos políticos, entendendo que a sua liberdade de opinião, na hipótese contrária, ficaria limitada. Não que responsabilizasse os partidos ou os políticos por todos os males da Pátria, visto que a mentalidade nacional os produzia e alimentava. Por isso mesmo, não hesitou nunca em atacar monárquicos ou forças monárquicas, do mesmo modo que não vacilou em criticar personalidades ou organizações republicanas.

Também não hesitou em apoiar a reforma de ensino apresentada pelo Ministro da Instrução, João Camoesas (1923), desenhada por Faria de Vasconcelos e até mesmo em tomar parte num Ministério Álvaro de Castro (18-12-1923/6-7-1924), para o qual lhe foram oferecidas duas pastas (Agricultura e Educação). Quanto à Instrução Pública, seria António Sérgio a desempenhar a função de ministro (18-12-1923/28-2-1924), encontrando vigorosa oposição entre professores e público a generalidade das disposições que pretendeu pôr em prática (Fernandes, 1983).

Fora dessa breve participação governativa, a *Seara Nova* manteve-se como um posto de combate. Alguns dos seus membros, como Sérgio e Proença, tiveram de procurar o exílio, ao lado de outros anti-fascistas. Apesar de todas as dificuldades de comunicação e de entendimento, apesar das diferentes opções políticas do campo democrático, foi na *Seara Nova* que muitas vezes se forjaram sólidas plataformas de unidade.

REFERÊNCIAS

- Fernandes, Rogério (1983). António Sérgio, ministro da Instrução Pública. in: *Revista de História das Ideias*. «António Sérgio». Número especial. Vol. 5. Coimbra: Faculdade de Letras, 603-700.
- Sérgio, António (1987). *Correspondência para Raul Proença*. (Org. e introd. de José Carlos Gonzalez. Com um estudo de Fernando Piteira Santos). Lisboa: Publicações Dom Quixote/Biblioteca Nacional.